



doi: <http://dx.doi.org/10.7213/psicolargum.40.109.A005>

Rede de apoio social e afetivo de adolescentes em acolhimento institucional e de seus familiares

Social support network of institutionalized teenagers and their relatives

Edson Júnior Silva da Cruz
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-1884-3172>
edsoncruzufpa@gmail.com

Lilia Iêda Chaves Cavalcante
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0003-3154-0651>

Janari da Silva Pedroso
Universidade Federal do Pará
<https://orcid.org/0000-0001-7602-834X>

Resumo

Este estudo investigou percepções de familiares e adolescentes em acolhimento institucional sobre a estrutura e organização de suas redes de apoio social e afetivo. Participaram da pesquisa cinco adolescentes e quatro familiares de referência. Entre os instrumentos utilizados, cita-se o Mapa dos Cinco Campos (MCC), entrevistas semiestruturadas e diário de campo. Os familiares mostraram-se satisfeitos com os campos “abrigo” e “contatos formais”, já os adolescentes apontaram de forma positiva os itens “escola” e “abrigo”. Os adolescentes citaram os adultos como principais fontes de apoio, principalmente os técnicos das instituições, enquanto que os familiares demonstraram relações satisfatórias com pessoas da igreja e do trabalho, sendo o apoio instrumental mais percebido. O campo “família” teve maior número de contatos insatisfatórios e apresentou concepções divergentes sobre a família real e ideal. A rede de apoio social dos participantes demonstrou-se limitada, com pouca participação na vida dos participantes, sugerindo a necessidade de estudos que consigam investigar implicações desse fator para o desenvolvimento de adolescentes e de seus familiares em situação de vulnerabilidade.

Palavras-chaves: Adolescente institucionalizado; Rede de apoio social e afetiva; Família.

Abstract

This research investigated perceptions of teenagers placed in institutional support and their relatives about the structure and organization of their social support network. Five teenagers and four reference relatives have participated from research. The utilized instruments were semi structured interviews and Five Field Map. The relatives presented themselves pleased with the fields "shelter" and "formal contacts", while the teenagers pointed out positive way the fields "school" and "shelter". The teenagers nominated the adults as their main support sources, especially the institution's techniques, while the relatives demonstrated satisfactory relations with church and work people, with instrumental support being more frequently noticed. The field Family had the highest number of unsatisfied contacts different concepts were presented about real and ideal families. The social support network from the participants revelled itself as limited and not enough active, suggesting need of more studies that are able to investigate the implications this factor to development.

Keywords: Institutionalized teenager; Social and affective support network; Family.

Resumen

Este estudio investigó las percepciones de los familiares y adolescentes en la atención institucional sobre la estructura y organización de sus redes de apoyo social. Cinco adolescentes y cuatro familiares de referencia participaron en la investigación. Los instrumentos utilizados fueron entrevistas semiestructuradas, Mapa de cinco campos y diario de campo. Los miembros de la familia estaban satisfechos con los campos "refugio" y "contactos formales", mientras que los adolescentes señalaron positivamente los artículos "escuela" y "refugio". Los adolescentes citaron a los adultos como las principales fuentes de apoyo, especialmente a los técnicos de las instituciones, mientras que los miembros de la familia mostraron relaciones satisfactorias con las personas de la iglesia y el trabajo, siendo el apoyo instrumental más percibido. El campo de la "familia" tuvo un mayor número de contactos insatisfactorios y se presentaron concepciones divergentes sobre la familia real e ideal. La red de apoyo social de los participantes demostró ser limitada e inactiva, lo que sugiere la necesidad de estudios que puedan investigar las implicaciones de este factor para el desarrollo.

Palabras clave: adolescente institucionalizado; Red de apoyo social y afectivo; Familia.

Introdução

Esta pesquisa, desenvolvida com adolescentes que vivem em situação de acolhimento institucional na região metropolitana de Belém e com seus familiares, investigou a estrutura e dinâmica das redes de apoio social na vida desses indivíduos nessa fase da vida. A adolescência sabe-se hoje, acumulam significativas mudanças físicas, afetivas e sociais em curto espaço de tempo, o que faz dessa fase da vida um período em que as demandas por apoio e orientação se tornam mais específicas e mediadas por conflitos de interesses.

A vida social do adolescente sofre modificações intensas nesse período, que podem ser sintetizadas em quatro aspectos: a maior parte do tempo tende a ser passado com seus pares e não mais com seus pais; a orientação dos adultos se torna mais indireta e menos influente; as interações entre os diferentes gêneros tornam-se mais frequentes; e por fim, a importância da participação direta do adolescente em diferentes grupos de convívio se formam no contexto social. As características pessoais ou ambientais e as relações estabelecidas podem afetar a maneira como o adolescente lida com este momento de mudança e readaptação, que pode se constituir em fatores de risco ou de proteção nesse período do desenvolvimento (Achkar et al., 2017; Becker, Maestri & Bobato, 2015; Fernandes, Yunes & Finkler, 2020; Fernandes et al., 2018).

A adolescência é uma etapa importante no desenvolvimento de uma pessoa jovem e, de fato, as experiências que se têm durante este tempo podem ter um efeito sobre a forma como se procede na vida adulta. Dessa maneira, as relações afetivas e sociais assumem um significado particular quando o indivíduo entra na adolescência, e isso é evidenciado pela influência e importância crescente dessa forma de contato para os adolescentes. No entanto, o processo de influência dessas relações na adolescência não deve ser visto de forma simplificada, uma vez que diversas características individuais e do próprio grupo podem agir como moderadores da mudança comportamental, além da influência de relacionamentos saudáveis ou não em outros contextos, como pode ser o caso da presença ou não de uma rede de apoio social e afetiva (Fernandes & Monteiro, 2017; Patias, Silva, & Dell'Aglio, 2016; Rossi et al., 2019; Silva, Giordani & Dell'Aglio, 2017).

A rede de apoio social e afetiva é um importante fator de proteção no desenvolvimento do indivíduo, pois a mesma inclui as relações estabelecidas nos diferentes

contextos. Por isso, é necessário conhecer o que são e como funcionam essas redes, já que as pessoas e as interações que as compõem estão presentes em diferentes dimensões e períodos da vida (Barroso, Pedroso & Cruz, 2018; Brito et al., 2018; Cremonese et al., 2017; Seibel et al., 2017; Siqueira & Dell’Aglío, 2010; Siqueira, Tubino, Schwarz & Dell’Aglío, 2009).

A noção de rede de apoio social abrange características estruturais, funcionais e contextuais. Os aspectos estruturais abrangem o tamanho e a composição das redes sociais que oferecem apoio. Os aspectos funcionais referem-se às funções que o apoio exerce na vida da pessoa que recebe e que fornece apoio social. Por sua vez, os aspectos contextuais referem-se à adequabilidade do apoio social à situação em que o indivíduo está inserido (Cremonese et al., 2017; Seibel et al., 2017; Siqueira & Dell’Aglío, 2010; Siqueira, Tubino, Schwarz & Dell’Aglío, 2009). As funções das redes se estabelecem na interação entre os diversos membros da família e da comunidade que a formam, a participação em um contexto de rede possibilita conhecer outros e, conseqüentemente, a oportunidade de exercer e solicitar as funções sociais (Barroso, Pedroso & Cruz, 2018; Brito et al., 2018; Cremonese et al., 2017).

É importante ressaltar que o apoio oferecido pela rede pode se dar de três formas: emocional, instrumental e informacional. O apoio emocional ocorre quando algum integrante da rede dá conselho, escuta, carinho ou alguma demonstração de afeto para aquela pessoa que necessita desse tipo de atenção naquele momento; o apoio instrumental se dá a partir do momento que um indivíduo da rede se dispõe a ajudar financeiramente ou materialmente alguém que necessite dessa demanda; já o apoio informacional acontece quando a rede divulga cursos e serviços que a comunidade ou o bairro, a cidade oferece (Siqueira & Dell’Aglío, 2010; Siqueira, Tubino, Schwarz & Dell’Aglío, 2009).

A primeira rede de apoio social e afetiva na vida de uma pessoa geralmente é a família, devido ser neste ambiente que se inicia as relações primárias, mas não só a família atua nesse campo, é possível dizer que outras esferas da vida – amigos, vizinhos, trabalho, escola e a comunidade com um todo – também tem como papel a formação da identidade social, sendo assim toda essa rede é capaz de fornecer apoio a partir das relações que o sujeito estabelece com o meio onde habita ao longo do tempo e as habilidades envolvidas nessas relações passam a transbordar para outras dimensões sociais e afetivas do indivíduo (Fernandes, Yunes & Finkler, 2020; Seibel et al., 2017; Taylor, Conger, Robins &

Widaman, 2015).

Em um estudo que tinha o objetivo de investigar a percepção de adolescentes institucionalizados quanto à formação e funcionamento da sua rede de apoio social e afetivo, tendo em vista que são esperadas mudanças nos relacionamentos no contexto da institucionalização, foi indicado que a principal fonte de apoio era representada pelos adultos, especialmente os familiares e os monitores dos espaços de acolhimento, e que o tipo de apoio percebido mais frequente foi o instrumental, associado à ajuda e assistência em tarefas como oferecer transporte, dinheiro e auxílio nas tarefas escolares. Também foram observadas diferenças de gênero na percepção das redes, tendo as meninas informado mais contatos do que os meninos (Siqueira & Dell’Aglío, 2010). No caso dos adolescentes que estão em acolhimento institucional é importante conhecer suas redes de apoio social e afetiva, pois os mesmos vivem uma fase ímpar da vida, onde sentimentos de dúvida, angústia e descobertas são comuns nesse período, além do mais, nesses casos particulares, onde os contatos com os familiares e amigos são de certa forma limitado, a qualidade do apoio oferecido e recebido é essencial para um desenvolvimento saudável desses sujeitos.

O acolhimento institucional é a sétima medida de proteção prevista no ECA, que deve ser aplicada, sempre que os direitos da criança e do adolescente forem ameaçados ou violados. Segundo esta legislação, a medida de proteção que determina o acolhimento institucional em situações nas quais há grave risco à criança e ao adolescente deve vislumbrar a provisoriedade dessa condição e buscar de forma empenhada a sua reintegração ou reinserção familiar, sendo que os vínculos familiares e comunitários precisam ser cultivados até que tais situações sejam alteradas ou superadas de modo significativo (Brasil, 2009).

A questão da institucionalização na infância e adolescência é algo presente na realidade de muitas famílias brasileiras com situação socioeconômica desfavorecida. O Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP, 2013) divulgou recentemente o relatório que mostra o panorama das crianças e adolescentes acolhidos no Brasil. Foi registrado que há mais de 30 mil crianças e adolescentes acolhidos em todo o país, sendo São Paulo o estado com o maior número de atendimento. Entende-se que a institucionalização de crianças e adolescentes deve ser evitada sempre que possível, como orienta o próprio ECA na atualidade.

Objetivos

Assim como vários estudos sobre os efeitos da permanência longa de adolescentes longe da convivência familiar consideram que o ambiente institucional não se constitui o melhor meio de desenvolvimento, pois o atendimento padronizado, a falta de atividades planejadas e a fragilidade das redes de apoio social e afetiva, são fatores que prejudicam a vivência institucional e suas repercussões no desenvolvimento (Barroso, Pedroso & Cruz, 2018). Diante do que foi discutido, nota-se a importância de compreender as relações dos indivíduos com o meio onde habita, portanto, a presente pesquisa tem como objetivo analisar a estrutura e o funcionamento das redes de apoio social e afetivo de adolescentes em acolhimento institucional e de seus familiares.

Método

Delimitação: O presente estudo teve uma abordagem qualitativa e foi utilizado o estudo de casos múltiplos de Yin, (1984). A escolha pelo estudo de caso se deu, porque a temática abordou um fenômeno pouco investigado, o que exigiu um estudo aprofundado do objeto de pesquisa, e que permitiu a criação de categorias para uma análise qualitativa de uma pesquisa que ocorreu no ambiente natural dos sujeitos.

Participantes:

Adolescentes: foram selecionados cinco adolescentes da região metropolitana de Belém do Pará, sendo três meninos e duas meninas. Os nomes fictícios dos participantes foram: Evaristo (17 anos), Raissa (17 anos), Arthur (12 anos), e os irmãos Jéssica (13 anos) e Jeová (12 anos). Em relação ao tempo de acolhimento, observou-se que este variou entre seis meses a nove anos e os principais motivos apontados pela equipe técnica que justificaram o acolhimento institucional foram: abandono, suspeitas de abuso sexual, fuga do lar e violência física e psicológica. Para critério de inclusão os adolescentes deviam ter contato com pelo menos um membro familiar de referência e não fossem portadores de transtornos mentais.

Familiares: participaram da pesquisa três mães que receberam os nomes fictícios de Alice (mãe de Evaristo), Roberta (mãe do casal de irmãos) e Fátima (mãe

de Arthur) e, uma avó da adolescente Raissa, que passou a ser denominada de Glória. As idades das participantes variaram entre 28 a 64 anos, sendo a média de 30. Só podiam participar da pesquisa familiares que tivessem contato com os adolescentes acolhidos institucionalmente, não apresentassem quadro de transtorno mental e que não oferecem nenhuma forma de risco aos adolescentes.

Ambiente:

A coleta de dados realizada com os adolescentes e seus familiares ocorreram em três instituições de acolhimento da região metropolitana de Belém, sendo duas municipais e uma ONG e, no local de trabalho de um familiar de uma adolescente. O primeiro local que foi realizada a pesquisa foi em uma ONG, que será nomeada como Instituição A, localizada na região metropolitana de Belém e tem como finalidade dar assistência física, moral e espiritual às crianças e adolescentes em situação de risco à vida e negligência familiar, especialmente dos que vivem nas ruas, invasões, unidades de atendimento socioeducativas e instituições de acolhimentos públicos, e visa a integração dos adolescentes à sociedade, família, igreja, escola e ao mercado de trabalho para que se tornem autônomos. A referida instituição só atende meninos na faixa etária de oito a 17 anos.

O segundo local de realização da pesquisa, nomeado como Instituição B, é um espaço de acolhimento para meninas dos 12 aos 18 anos incompletos e localiza-se na região metropolitana de Belém. A coleta foi realizada com a adolescente numa sala vazia e foi atendido o pedido da gerência do espaço que exigiu a presença da assistente social da instituição na coleta dos dados, entretanto tal ação, aparentemente não interferiu no processo do trabalho, que ocorreu de uma forma tranquila e sem constrangimentos.

Devido às questões profissionais, a coleta de dados com uma das participantes da pesquisa ocorreu no seu lugar de trabalho, a situação se deu no caso da avó da adolescente Raissa. No momento da pesquisa, a mulher trabalhava no setor de serviço geral de uma universidade pública do Estado do Pará. O material foi coletado no seu tempo de descanso e a coleta foi feita em dois dias.

E por fim, a última instituição consultada foi em um espaço de acolhimento para crianças de 7 a 11 anos que aqui será chamada de Instituição C, o local fica em Ananindeua que é um município da região metropolitana de Belém. A coleta foi realizada

com os adolescentes e seus familiares na parte externa da instituição, a mesma ocorreu de uma forma tranquila, sem interferências ou algum tipo de transtorno.

Instrumentos

Entrevista semiestruturada: a entrevista semiestruturada com os adolescentes e seus familiares foi construída com base nas suas rotinas e história de vida e que tivesse relacionada com a proposta do estudo, logo a mesma pretendeu investigar itens que incluíam questões relativas aos fatores envolvidos na sua rede de apoio social, tais como: Que tipo de apoio eles recebiam antes do acolhimento? Como eram suas relações com a família extensa e com seus pares e como a instituição de acolhimento atua em suas vidas? Para os familiares dos adolescentes, a entrevista focalizou nas seguintes temáticas: Quem eles recorriam quando necessitavam de alguma forma de apoio e como esse apoio era fornecido ou recebido? Quais as pessoas que eram mais importantes no seu cotidiano e como era o diálogo dos mesmos com as instituições que seus filhos/netos estavam acolhidos, as mesmas foram gravadas e transcritas.

Mapa dos Cinco Campos (MCC): este instrumento de pesquisa, originalmente elaborado por Samuelsson, Thernlund, Ringström (1996), foi adaptado no Brasil por Siqueira, Betts e Dell’Aglia (2006), avalia a estrutura (quantidade) e a função (qualidade) das relações estabelecidas na rede de apoio social que compreende cinco campos: Família, Abrigo, Escola, Amigos/Parentes e Contatos Formais. Neste estudo, o campo Contatos Formais representa os lugares que o participante costuma frequentar, como igreja, Conselho Tutelar, clube, posto de saúde, entre outros, e que não estão contemplados nos outros quatro campos.

O instrumento foi constituído por um tabuleiro de feltro e por figuras que representam adultos, adolescentes e crianças, coloridas de acordo com o sexo (azul = masculino e rosa = feminino) e diferenciadas pelo tamanho. As figuras foram utilizadas para representar as pessoas que compõem a rede de apoio social e afetivo em cada campo, o que transformou a tarefa em um jogo atrativo e lúdico. Esse instrumento permitiu que pessoas já falecidas fossem consideradas parte da rede de apoio, em função da consideração subjetiva da percepção do entrevistado sobre a constituição da sua própria rede. O círculo central correspondeu ao participante, e cada círculo adjacente mediu a qualidade do vínculo, ou seja, quanto mais perto do círculo central, maior era a percepção de proximidade do participante em relação à pessoa representada. Os dados obtidos foram

anotados em uma Folha de Registro, com informações sobre o grau de satisfação/insatisfação em relação a cada um dos cinco campos pesquisados e a existência de conflitos e rompimentos nas relações.

Após o término da aplicação do instrumento, o participante foi solicitado a responder duas questões: Com qual dessas pessoas que você citou no mapa você mais pode contar? Que tipo de apoio ela lhe dá? A primeira questão indica a principal fonte de apoio percebida e, a segunda, o tipo de apoio fornecido.

Os dados do Mapa dos Cinco Campos foram relatados de uma forma descritiva, e depois sistematizados em torno de categorias que representavam os seguintes aspectos:

1) Estrutura da rede: corresponde ao número de contatos em toda a rede e por campo.

2) Funcionalidade da rede: (a) análise descritiva dos contatos em cada círculo adjacente ao centro, que representam os níveis de proximidade; (b) análise descritiva dos conflitos e rompimentos; (c) análise qualitativa sobre os dados do mapa como um todo e, depois, por campo, considerados para efeito de análise separadamente.

O fator de proximidade é uma variável que representa o grau de vinculação dos participantes com o número de pessoas citadas nos campos, sendo medido pela localização dessas pessoas em relação ao círculo central, no qual está o participante. Para o cálculo desse escore, o número de pessoas colocadas no primeiro nível foi multiplicado por oito; no segundo nível, por quatro; no terceiro nível, por dois; no quarto nível, por um; e no quinto nível, por zero. O somatório desse cálculo foi dividido pelo número total de pessoas citadas no campo, para análise de proximidade no campo, ou pelo número total de pessoas citadas no MCC, para a análise de proximidade no instrumento. Assim, o fator de proximidade varia de zero a oito, sendo que escores entre 0 e 2,6 são considerados de pequena força; 2,7 e 5,3, média força; 5,4 e 8, grande força de proximidade.

Diário de campo: o diário de campo foi utilizado com o objetivo de registrar, em tempo real, atitudes, fatos e fenômenos percebidos no campo de pesquisa, por meio do registro pode se estabelecer relações entre as vivências da pesquisa e o aporte teórico. Os registros foram feitos diariamente, sempre datados, identificando os sujeitos envolvidos, o local e a situação observada.

Procedimento

Coleta de dados: a coleta de dados ocorreu nas instituições de acolhimento que os adolescentes estavam no período da pesquisa. Já em relação aos familiares, as mães foram entrevistadas após a visita que fizeram aos seus filhos nas instituições de acolhimento envolvidas na pesquisa, já a avó de um dos adolescentes respondeu às questões levantadas pelo estudo no local de trabalho. Vale ressaltar que para a inclusão das instituições na pesquisa, as mesmas tinham que acolher adolescente e fizessem parte da região metropolitana de Belém.

Análise dos dados: Para análise dos dados coletados utilizou-se a Técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (2010), definida como um conjunto de técnicas de análise das comunicações que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Os dados foram discutidos de acordo com os campos do mapa (instrumento) que foram: “família”, “abrigo”, “escola”, “amigos e parentes” e “contatos formais”.

Considerações éticas: para o desenvolvimento desse estudo, providenciou-se obter autorização judicial para realização de visitas sistemáticas aos espaços de acolhimento, favorecendo, assim, o livre acesso às dependências da instituição, aos arquivos com documentos sobre a trajetória de vida e a condição sociofamiliar. A submissão deste projeto ao Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos foi feita de modo subsequente à solicitação de autorização judicial, por ser condição necessária à efetivação deste estudo. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética de Pesquisa com Seres Humanos, parecer 408808/2012-1.

Resultados

As Tabelas 1 e 2 reúnem as pontuações obtidas pelos adolescentes acolhidos institucionalmente e seus familiares no MCC em relação ao fator de proximidade e os contatos satisfatórios e insatisfatórios com a sua rede de apoio social.

Tabela 1- Percepção das redes de apoio social das mães/avó dos adolescentes.

	Alice	Glória	Roberta	Fátima
Campos	CS=14	CS=3	CS=10	CS=10
	CI=9	CI=4	CI=6	CI=1
Família	FP=6,22	FP=8	FP=6,60	FP=8
Abrigo	FP=8	FP=0	FP=8	FP=8
Escola	FP=0	FP=0	FP=1	FP=8
Amigos e parentes	FP=4,6	FP=8	FP=3,33	FP=8
Contatos formais	FP=7	FP=8	FP=8	FP=8

Nota: CS- contato satisfatório; CI- contato insatisfatório; FP- fator proximidade.

Nota-se que os campos “família”, “abrigo” e “contatos formais” foram os que obtiveram maiores pontuações no MCC entre os familiares entrevistados, sendo este um aspecto positivo, pois sinaliza que essas áreas são presentes e atuantes na vida dessas pessoas. Já os campos escola e amigos/parentes apresentaram menores pontuações o que sugere a presença de relações mais frágeis e uma menor atuação da rede quando comparada aos demais.

A Tabela 2 apresenta a percepção dos adolescentes acolhidos sobre suas redes de apoio, tais dados podem ser observados abaixo.

Tabela 2- Percepção das redes de apoio social na perspectiva dos adolescentes em acolhimento institucional.

	Evaristo	Raissa	Jeová	Jéssica	Arthur
Campos	CS=18	CS=11	CS=12	CS=14	CS=16
	CI=13	CI=3	CI=4	CI=3	CI=0
Família	FP=4,42	FP=3	FP=4,8	FP=6	FP=8

Abrigo	FP=4	FP=6	FP=8	FP=4,6	FP=8
Escola	FP=3,57	FP=6	FP=5,33	FP=8	FP=8
Amigos e parentes	FP=5,33	FP=8	FP=0	FP=8	FP=8
Contatos formais	FP=4,66	FP=8	FP=0	FP=0	FP=8

Nota: CS- contato satisfatório; CI- contato insatisfatório; FP- fator proximidade.

De acordo com os dados apresentados, verifica-se que dos cinco adolescentes participantes da pesquisa a maioria demonstrou ter mais relações satisfatórias nos campos amigos e parentes, escola e abrigo. Já os campos família e contatos formais apresentaram um quadro maior de contato insatisfatório.

Discussão

A família como rede de apoio social

A categoria família foi a mais citada quando comparada aos outros campos. Tal ênfase é verificada na rede de apoio social de três dos cinco adolescentes e dos quatro familiares, entretanto, pode-se notar que quando se refere à qualidade das relações, este mesmo campo é apontado como o que teve mais conflitos e rompimentos, conforme foi visto nos resultados, o que denota a insatisfação da família como rede de apoio social. Essa realidade é refletida, por exemplo, na história de Alice e de seu filho Evaristo, onde foram citados diversos membros familiares no mapa, porém a com a presença de situações de violência doméstica e abuso sexual.

Foi observado também a partir da análise do conteúdo dos mapas e das entrevistas semiestruturadas que esses familiares muitas vezes não assumiram o papel de apoio e proteção que é esperado dessa instituição. Tal justificativa fica clara no relato de Fátima (mãe de Arthur):

Não comunico nada com os meus parentes, não quero nem papo com aquele povo. Quando acontece algo em casa, fica só entre a gente mesmo, minha família é só problema menino (Fátima).

Observar-se nestas falas que a família não correspondeu na vida dessas pessoas como um lugar de afeto, onde as expressões de emoção ou sentimentos eram algo

praticamente inexistente (). Situação semelhante foi observada no caso de Roberta e seus filhos Jéssica e Jeová, onde são citadas no mapa várias pessoas da família, porém percebem-se relações afetivas frágeis entre seus membros, onde muitas vezes a comunicação ocorreu por meio das agressões físicas ou psicológicas. Roberta durante a coleta relatou na categoria “compartilhar problemas com a família atual” que:

Hoje em dia minha família são meus filhos, só eles. Minha irmã é uma mulher muito amiga e legal, mas nem dá para comparar com meus filhos. Às vezes lembro quando ela e meu pai ficavam contra mim.

O caso de Roberta torna-se mais preocupante, quando se observa que sua percepção de família se resume praticamente no convívio com os filhos, sendo que a família extensa é considerada um importante apoio no cotidiano das pessoas que vivem em situação de risco e vulnerabilidade social (). É importante observar que não é somente no caso de Roberta que a família acaba por se configurar praticamente na relação mãe e filhos, mas em todos os casos dos familiares desses adolescentes, conforme pode ser visto na situação de Alice, onde das nove pessoas citadas, quatro eram seus filhos, o mesmo ocorreu no mapa de Glória que citou apenas cinco pessoas de suas famílias e dessas três eram seus filhos e também no caso de Fátima, onde das três pessoas citadas, duas eram filhos.

Vale ressaltar que apesar do número considerável da presença dos filhos no mapa, essas relações foram marcadas por diversos conflitos e rompimentos, logo se observa que esses pais tem uma concepção da importância dos filhos na sua vida e também sabem que esses mesmo filhos precisam deles, porém os mesmos não conseguiram em muitos casos arcar com os cuidados básicos diante das situações adversas em que estes foram expostos.

Pode-se observar também a ausência paterna na vida desses adolescentes e de seus familiares, com exceção do caso III, onde o pai dos irmãos Jéssica e Jeová foi assassinado, mas aparentemente tinha um papel atuante na vida de seus filhos, apesar do seu envolvimento com o tráfico de drogas e dos conflitos vivenciados com sua mulher Roberta, o pai foi citado no mapa de Jéssica como uma importante figura de apoio quando era vivo.

Em relação às suas principais fontes de apoio, três dos cinco adolescentes entrevistados apontaram a mãe, entretanto, estes mesmos adolescentes relataram já terem tido diversos conflitos e rompimentos com suas genitoras, não sendo este motivo

suficiente para deixar de destacá-la em no mapeamento das suas fontes de apoio social e afetivo. Também foi observada maior ocorrência de conflitos e rompimentos com a figura materna, tanto na percepção dos adolescentes como na de seus familiares com seus pais. Entre os três adolescentes (Arthur e a dupla de irmãos) e os três familiares que apontaram alguma figura parental como principal fonte de apoio, notou-se que o apoio emocional foi o predominante na percepção desses participantes. Tal relato pode ser observado na fala de Jéssica:

Eu sempre converso com a minha mãe, a gente já brigou muito, mas a gente se entende. Ela é a pessoa que eu mais amo no mundo e a única que eu falo as minhas coisas.

De maneira geral, notou-se que a “família” como rede de apoio social tanto na vida desses adolescentes em acolhimento institucional como na de seus familiares, teve momentos que atuou ora como fator de proteção ora como fator de risco. Observou-se que apesar da grande quantidade de pessoas citadas na categoria família, a qualidade das relações emocionais foi um fator frágil na vida dessas pessoas.

A Percepção do abrigo como rede de apoio social

A categoria “abrigo” foi bem avaliada como uma rede de apoio social na percepção dos familiares dos adolescentes em acolhimento institucional, com exceção de Glória que não possui contato com a instituição devido os problemas de relacionamento vividos com sua neta Raissa, os demais participantes demonstraram ter um bom contato com os técnicos das instituições onde seus filhos se encontravam acolhidos. Tal interpretação pode ser observada na seguinte fala:

Esse pessoal daqui é muito educado, não tenho do que reclamar. Eles sempre procuram me entender, não me tratam mal e percebo que eles gostam e cuidam direito do Arthur (Fátima).

A avaliação positiva desta categoria foi perceptível tanto no mapa como nas entrevistas semiestruturadas. Tal campo é avaliado como positivo, já que se pode pensar que nessa relação entre a família e a instituição é possível reforçar a preservação dos vínculos familiares entre os adolescentes e suas genitoras, que, no caso, são as que mais os visitam, conforme foi visto nos dados analisados e nas falas.

O pessoal aqui me entende quando eu não venho, gosto deles, sempre me ligam. Nunca me trataram mal (Alice, mãe de Evaristo).

Estudos apontam que a qualidade do cuidado institucional pode atuar como fator de proteção ou de risco na vida das crianças e adolescentes. Tal discussão cabe também no que se refere aos familiares, já que se supõe que com uma boa relação, esses familiares ficam mais estimulados a frequentarem os espaços de acolhimentos onde seus filhos se encontram ().

Com a percepção dos familiares deste estudo, é possível verificar que os funcionários da instituição reconhecem os objetivos do espaço, que o plano de trabalho é compatível com os princípios do ECA (1990), já que se percebe que há um esforço por parte dos técnicos para que esses adolescentes tenham o direito à convivência familiar. Nos casos de Alice, Roberta e Fátima, as mães afirmam que a instituição sempre procurou manter contato com os mesmos e os profissionais foram habilitados para o trabalho em equipe (Siqueira & Dell'Aglio, 2010).

Outro fator importante apontado pelos familiares é que o espaço de acolhimento dá um apoio instrumental aos mesmos, principalmente o financeiro. Tal relato foi visto na fala de Roberta e Alice ao afirmarem que equipe a técnica da instituição lhes dá dinheiro, quando elas não têm recursos financeiros para ir visitarem seus filhos. Por outro lado, notou-se que quanto ao apoio emocional e informacional a instituição oferece recurso deficiente na relação família-espaço de acolhimento.

Em relação aos adolescentes, foi possível observar que os espaços de acolhimento funcionaram mais como fator de proteção do que de risco, já que os cinco adolescentes demonstraram com o MCC estarem de certa forma satisfeitos com as relações estabelecidas neste espaço. Outro dado importante quando no que diz respeito à percepção dos adolescentes sobre os espaços de acolhimento como rede de apoio social, e que em quatro dos cinco casos a maioria se referiu aos adultos (técnicos e educadores sociais) como as principais figuras que eles mais têm contato e que mais podem contar.

Antes aqui não contava com ninguém, agora tenho com quem conversar que são os dois que te falei: a Ayla e o Ravi (Fala de Raíssa, neta de Glória).

Tal debate pode-se justificar, principalmente, porque são os técnicos ou os educadores sociais com quem os adolescentes se sentem mais à vontade para desabafar, tirar dúvidas, fazer reclamações e etc. Apesar do grande número dos adultos citados no campo “abrigo” foi possível observar que os técnicos são mais vistos como apoiadores instrumentais e informacionais e as educadoras/mães sociais tendem a dar mais apoio

emocional, entretanto, há mais relatos de conflitos nas relações com os educadores do que com os técnicos. Embora a adolescência seja uma etapa marcada pela relação e influência do grupo de pares, os resultados mostraram que os adolescentes mencionaram mais os adultos como sujeitos de sua rede de apoio social.

Amigos e parentes como rede de apoio social

Na categoria “amigos e parentes” foi observado que na percepção da família os parentes foram mais citados como rede de apoio social atuante em suas vidas do que os amigos. Com exceção de Fátima, onde não foi apontado nenhum parente e sim dois amigos, sendo que um deles foi considerado sua principal fonte de apoio, especificamente o emocional.

As únicas pessoas com quem eu converso é com minha amiga Joana e com a minha pastora, nossas relações são de confiança, sei que posso contar com elas duas (Fátima, mãe de Arthur).

Apesar de ter citado apenas duas pessoas nesse campo, a mesma mostrou-se satisfeita com essas relações. Nota-se, aqui, a importância da qualidade que a amizade tem na vida dessa mulher. Um dos possíveis motivos dela ter mencionado uma amiga como principal apoio e não ter incluído nenhum parente na sua rede de apoio social pode ser o fato de ela ter um histórico de conflitos com seus familiares, o que ocasionou vínculos frágeis com a sua família extensa, que, no caso aqui estudado, são os parentes.

Sabe-se que as amizades são importantes fontes de apoio afetivo e contribuem para o bem estar físico e psicológico, em especial aos que não possuem um suporte familiar ou é escasso (Patias, Silva, & Dell'Aglio, 2016). Contar com uma apropriada rede de apoio é importante para a população vulnerável, especialmente os que se encontram em ambiente de risco, pois tal rede contribui para melhoria do bem estar e qualidade de vida ().

Outro dado importante a se destacar é que a maioria destes familiares mantém pouco convívio ou contato, tanto com os amigos quanto como os parentes, e, aparentemente, os mesmos não contam com nenhuma forma de apoio por parte dessas pessoas. Os informantes relataram que praticamente só compartilham momentos importantes das suas vidas com as pessoas que residem consigo na mesma casa ou no mesmo ambiente físico, conforme observado na fala de Fátima, mãe de Evaristo:

Esse tipo de relação não existe, é cada um no seu quadrado. Acho melhor assim, pelo menos a gente evita fofoca, conversinha.

A situação acima pode ser reflexo da história de vida dessas pessoas, que em momentos cruciais do seu desenvolvimento, como por exemplo, na infância e adolescência, não criaram ou tiveram uma rede da amizade tão significativa e não valorizavam as relações entre os parentescos. Isso sinaliza a ocorrência de pouco ou quase nenhum apoio por parte desses grupos. Investigações sobre a qualidade das relações entre os pares destacam características que essa relação deve ter para ser considerada positiva, tais como: ajuda, abertura, confiança, apoio emocional, respeito, intimidade ().

Em relação aos adolescentes em acolhimento institucional, houve um considerável número de amigos citados, sendo que ambos demonstram-se satisfeitos com essas relações, conforme observado no caso de Jéssica (filha de Roberta) e Arthur (filho e Fátima). Nesse caso a amizade atuou de maneira positiva e que de uma forma indireta acabou sendo um apoio emocional, já que esses dois adolescentes relataram que quando estavam com os amigos, principalmente os da vizinhança, esqueciam ou não recordavam dos conflitos vivenciados no ambiente familiar.

Na rede de apoio de Evaristo identificou-se um número maior de parentes citados do que amigos, um dado interessante, neste caso, é que o adolescente citou suas três irmãs no campo dos amigos e não da família. Tal atitude pode ser justificada pelo fato de Evaristo ter vivido grande parte de sua vida em instituições de acolhimento e no que se refere aos amigos, este foi um campo frágil na rede de apoio social de Evaristo.

Foi possível identificar por intermédio das análises dos dados que o campo “amigos e parentes” atua de uma forma no cotidiano dos familiares e de outra forma na vida dos adolescentes. Apesar das divergências, pode-se concluir que esta área é importante e pode funcionar como um fator de proteção no caso de alguns dos adolescentes, principalmente quando se refere à interação e o contato com os amigos.

A escola como rede de apoio social

A “escola” foi um campo bem presente na rede de apoio social dos adolescentes participantes dessa pesquisa, porém a mesma esteve praticamente ausente quando se refere aos familiares desses sujeitos. Notou-se que enquanto os adolescentes apontaram várias pessoas nessa rede, os familiares não citaram ninguém e, quando o fizeram, relataram insatisfação nessas relações.

No caso das famílias, notou-se que nos relatos de Alice (mãe de Evaristo) e Glória (Avó de Raíssa) que as duas não têm nenhuma forma de contato com a escola que seus filhos/netos estudam. Elas demonstraram não saberem em que série eles se encontram, se os adolescentes tinham algum conflito no espaço escolar ou se eles estavam satisfeitos com o ensino oferecido pela instituição onde estudam.

Menino, nem sei onde o Evaristo estuda, quem deve saber é o pessoal daqui do abrigo. Acho que ele tá pra terminar os estudos dele (Alice).

Não sei que série a Raissa está, nem sei se ela estuda. Quem resolve essa parte é o pessoal lá do lugar (abrigo) que ela tá. Não quero mais saber dessa menina, se ela estuda ou não, não me interessa. Até onde eu sei, ela nunca gostou de estudar (Glória).

Foi observado também que os espaços de acolhimento são vistos por esses familiares como os responsáveis pela educação dos adolescentes, essas pessoas demonstraram não sentirem obrigação de terem acesso à escola que seus filhos/netos se encontram. Um dos motivos que podem justificar tal pensamento ou atitude é pelo fato que tanto Alice como Glória não tiveram estímulos positivos em sua história de vida referentes ao ensino básico, de acordo com relatos e também nenhuma das duas completou o ensino médio e a escolaridade não foi algo valorizado em seus ambientes familiares. Logo, percebe-se que a escola não funcionou como rede de apoio social no desenvolvimento positivo dessas mulheres.

Já nos relatos de Roberta e Fátima, ambas tiveram experiências negativas com espaço escolar. A primeira afirmou ter sido maltratada pela vice-diretora da escola que seus filhos estudavam e a segunda relatou que foi chamada sua atenção quanto ao comportamento do filho.

Ela gritou comigo no dia da apresentação da minha filha, praticamente me humilhou na frente de todo mundo, passei a maior vergonha. Fiquei tão mal que chorei muito e fui embora, nem fiquei para vê a dança (Roberta).

Fui na escola do Arthur quando me chamaram para reclamar que ele estava aprontando muito. Aí, quando eu bati no moleque, a mesma professora me denunciou. Voltei e fiz um escândalo com ela. Pensa que eu sou palhaça é? (Fátima).

No caso de Roberta, a instituição agiu com rigidez através da vice-diretora e não favoreceu para que esta mãe pudesse ser participativa na vida escolar dos filhos, sendo que tal ação pode ter desencadeado uma resistência de Roberta ao contato com ambiente escolar. Já na situação de Fátima, a escola aparentemente tomou uma atitude correta, pois chamou a mãe para informar o mau comportamento do aluno e depois demonstrou seu sentido protetor, quando suspeitou da violência doméstica praticada por Fátima contra Arthur e tomou as medidas necessárias, como a denúncia, apesar de tal ato não ter sido bem aceito pela mãe do adolescente.

Pode-se perceber que a escola não é uma rede de apoio social considerada importante ou atuante na vida desses familiares, em alguns dos casos há resistência por parte das pessoas a sua colocação neste espaço, já em outros, além da dificuldade com o espaço, há o acréscimo das experiências negativas. Além do mais, a escola se manteve distante desses familiares e demonstrou pouco interesse com a presença dos mesmos na vida escolar desses adolescentes, entretanto, vale ressaltar que é importante que o espaço de acolhimento mantenha a escola informada sobre a qual o motivo do adolescente está acolhido e quem pode ter contato com os mesmo, pois assim, evitam-se atitudes inadequadas.

Em relação aos adolescentes, foram observados que a escola como rede de apoio social foi mais representada pelos adultos do que pelos seus pares, dados semelhantes com o que foi encontrado no campo “abrigo”, sendo os professores e os coordenadores os mais citados. Além do mais houve certo grau de satisfação com essas relações, o que pode levar ao reconhecimento do espaço como um fator de proteção no desenvolvimento desses jovens em situação de acolhimento institucional. Verificou-se também que os adolescentes destacaram de forma benéfica a figura de alguns professores, o que foi visto como positivo, já que este fator pode influenciar no processo de resiliência na vida desses sujeitos que vieram de ambientes estressores ().

Sobre o campo “escola”, foi possível verificar que este aparece mais como fonte de apoio emocional para os adolescentes, principalmente no que se refere à relação destes com seus professores, onde se podem observar sentimentos de respeito, admiração e até mesmo de carinho, além de demonstrarem um alto grau de satisfação com as relações mencionadas neste campo.

Agora, no caso dos familiares, nota-se que alguns não reconheceram a importância da escola para o adequado desenvolvimento de seus filhos. Logo, nota-se que seria necessário que a escola pudesse realizar atividades onde a partir das quais seria possível se contar com uma maior participação da família na vida educacional desses adolescentes.

A percepção dos contatos formais na rede

O campo “contatos formais” é representado pela rede extensa desses adolescentes e de suas famílias, como por exemplo: a igreja, os projetos sociais, os locais de trabalho, postos de saúde, dentre outros. Nos casos aqui analisados, foi quase que unânime a presença de pessoas ligadas às instituições religiosas neste campo, tanto na percepção dos familiares como dos adolescentes. Na situação dos familiares, outros indivíduos bastante citados foram os que eles convivem nos espaços de trabalho, pode-se notar que o campo “contatos formais” foi apontado como um dos que apresentou maior grau de satisfação com as relações ali estabelecidas.

Na igreja encontrei acolhimento do pastor e dos irmãos, eles sempre conversam e me dão conselho. Toda vez saio de lá com uma sensação boa (Fátima, mãe do Arthur).

Outro ponto a destacar é que a religião e a espiritualidade funcionaram como um fator extremamente positivo na vida de alguns participantes como no caso de Fátima, além do mais se percebeu uma qualidade no apoio emocional que esses indivíduos receberam nesse espaço, o que acabou por refletir positivamente até em sua saúde mental (Becker, Maestri & Bobato, 2015). Tal perspectiva é vista como algo benéfico na vida dessas famílias que vivem ou já viveram em ambientes estressores marcados por diversas formas de violência, onde o apoio emocional era algo praticamente inexistente.

Em relação à atividade laboral, os participantes foram unânimes em afirmar a sua importância, pois representam o meio a partir do qual asseguram o sustento de suas famílias. Ademais, foram citadas pessoas significativas nesse âmbito por três participantes. As pessoas mais citadas foram os seus empregadores, inclusive, Fátima afirmou que tem recebido muito apoio dos mesmos por conta da situação atual em que se encontra seu filho Arthur, que está em uma instituição de acolhimento.

Meus patrões tem me aconselhado bastante para ter mais paciência com meu filho, eles são pessoas maravilhosas, amigos que a vida me deu (Fátima, mãe do Arthur).

No caso dos adolescentes foram citadas poucas pessoas e que apesar da qualidade das relações, esses indivíduos não são tão atuantes em suas vidas. Evaristo e Arthur apontaram, neste campo, “amigos” da igreja que eles frequentavam antes do acolhimento, porém os mesmos afirmaram terem pouco contato e só os veem quando tem algum evento especial no espaço da instituição.

No relato de Raissa, a adolescente apontou o psicólogo de um projeto social voltado ao atendimento de vítimas de abuso sexual como o seu principal apoio emocional. Neste caso, é importante notar como atuação desse profissional é essencial no desenvolvimento saudável dessa adolescente, que vem de um ambiente de grandes conflitos e rompimentos. Este tipo de apoio se apresenta como um fator essencial, principalmente em situações em que se tem um quadro forte de vulnerabilidade social, como é no caso dos adolescentes deste estudo (Taylor, Conger, Robins, & Widaman, 2015).

As pessoas que eu divido meus problemas é a Ayla (assistente social da instituição) e o Ravi (psicólogo do projeto), só eles dois me entendem

Com exceção de Raissa, o campo “contatos formais” se apresentou como pouco atuante na rede de apoio social desses adolescentes. No presente estudo, a baixa frequência ou a ausência de pessoas no campo “contatos formais” sinalizou a fraca integração da comunidade na vida desses adolescentes. O ECA (1990) orienta o direito dos acolhidos à participação comunitária, sendo garantida por meio do acesso aos recursos e às atividades fornecidas pela comunidade, como lazer, esporte, saúde e cultura. Os resultados apresentados confirmam que esse direito não tem sido cumprido, além do mais a falta de interação com pessoas de outros ambientes pode reforçar os aspectos culturais relacionados ao acolhimento, que estigmatizam esses adolescentes, considerando-os como possuidores de problemas (Siqueira & Dell’ Aglio, 2010) e incapazes de interações sociais saudáveis.

Conforme pode ser visto, a rede de apoio social atuou de diversas formas na vida dos participantes desta pesquisa, ora ela foi protetora, ora foi ausente. Diante do exposto, ficou claro o quanto é importante se ter uma rede de apoio de qualidade para que se possa ter um desenvolvimento saudável tanto na fase da adolescência como na vida adulta.

Considerações finais

Com o intuito de demonstrar a importância da rede de apoio social e afetivo no cotidiano dos adolescentes em acolhimento institucional e de suas famílias, esta pesquisa sinalizou como essa área funciona como um fator de proteção no desenvolvimento dos indivíduos e que sua ausência ou fragilidade pode acarretar danos em diversas esferas da vida como o emocional, financeiro, estrutural e o psicológico. Analisados os resultados em conjunto, foi possível identificar que a rede de apoio social interfere de maneira diferente na vida do adolescente em acolhimento institucional e na de seus familiares.

Quando se refere particularmente à rede de apoio social desses familiares, ficou perceptível que a sua rede se restringiu praticamente à presença daqueles com quem eles moram, sendo que há uma fragilidade nos apoios fornecidos, principalmente o emocional, mesmo tendo um número significativo de pessoas apresentadas. Esse quadro refletiu a história familiar destes indivíduos que foi marcada por intensos conflitos e diferentes maneiras de se relacionarem, vale ressaltar que campos como “amigos e parentes” e “escola” demonstraram pouca participação e atuação na vida dessas pessoas. Entretanto, esses mesmo familiares relataram ter contatos satisfatórios com pessoas que circularam pelas áreas “contatos formais” e “abrigo” o que é visto como positivo já que a atuação da comunidade e da instituição de acolhimento pode ser influente na reinserção dos adolescentes no ambiente familiar e percebeu-se também que a instituição procurou cumprir seu papel legal, ao incentivar a manutenção dos vínculos familiares.

No caso dos adolescentes, houve um número maior de pessoas citadas no campo “família”, entretanto esta mesma área foi apontada como a que mais teve conflitos e rompimentos, além do mais houve uma contradição da família real e da idealizada e uma frágil interação e contato referente ao papel dos irmãos. Na categoria “abrigo”, “escola” e “amigos e parentes” os adolescentes apontaram mais os adultos como pessoas importantes na sua rede de apoio social e citaram poucos os pares.

Dada às situações adversas e a privação material a que esses adolescentes viveram, os adultos tornaram-se figuras importantes por serem potencialmente mais aptos a fornecerem apoio, em especial, os apoios instrumentais. Assim ficou evidente a importância de conscientizar os adultos que convivem com os adolescentes acolhidos, sejam da família ou os técnicos, monitores e funcionários dos espaços de acolhimento,

quanto ao papel essencial que possuem como atores de apoio e como atuantes na construção da identidade desses adolescentes.

Percebeu-se que a rede de apoio social, tanto dos adolescentes como de seus familiares, funcionou ora como fator positivo, ora como fator negativo e que apesar da quantidade das pessoas citadas e da satisfação nas relações, à rede falhou ou não atuou no sentido de proteger essas pessoas de situações adversas. Entretanto, isto é um aspecto comum em todas as redes relacionais sejam nas redes dos adolescentes que estão no abrigo ou na rede de adolescentes de classe média e alta.

Sobre as dificuldades da pesquisa, o principal obstáculo encontrado foi o acesso aos familiares, já que os mesmos poucos frequentavam as instituições de acolhimento e trocavam de contatos (telefone e endereço) frequentemente. Alguns dos participantes da pesquisa mostraram resistência em relação ao envolvimento e participação na coleta, porém, depois da abordagem e com a habituação do pesquisador, foi possível fazer a coleta de dados sem grandes transtornos.

Espera-se que estudos futuros possam aumentar o número de participantes tanto na área das famílias como dos adolescentes e que tragam dados quantitativos sobre como a rede de apoio social influencia no desenvolvimento dessas pessoas que vivem em condições de vulnerabilidade social. O estudo aqui apresentado indicou como a rede de apoio social e afetiva é um fator importante para o desenvolvimento saudável de pessoas que tem histórico de conflitos familiares, vivem em condições precárias e que já presenciaram diversas formas de conflitos e rompimentos.

Referências

- Achkar, A. M. N. E., Leme, V. B. R., Soares, A. B., & Yunes, M. A. M. (2017). Risco e proteção de estudantes durante os anos finais do ensino fundamental. *Psicologia Escolar e Educacional*, 21(3), 417-426. doi: <https://doi.org/10.1590/2175-35392017021311151>
- Barroso, P. O., Pedroso, J. D. S., & Cruz, E. J. S. D. (2018). Redes de apoio social de famílias com crianças acolhidas institucionalmente: estudo de caso múltiplo. *Pensando famílias*, 22(2), 219-234. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000200015&lng=pt&tlng=pt

- Brasil (2009). *Estatuto da Criança e do Adolescente, lei 8.069, de 13 de julho de 1990, atualizado com a Lei Nacional de Adoção (Lei 12.010, de 03.08.2009)*. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais.
- Brasil (2013). *Conselho Nacional do Ministério Público- CNMP*. São Paulo, SP.
- Brito, C. O. D., Nascimento, C. R. R., & Rosa, E. M. (2018). Conselho tutelar: rede de apoio socioafetiva para famílias em situação de risco?. *Pensando famílias*, 22(1), 179-192. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2018000100014&lng=pt&tlng=pt.
- Cremonese, L., Wilhelm, L. A., Prates, L. A., Paula, C. C. D., Sehnem, G. D., & Ressel, L. B. (2017). Apoio social na perspectiva da puérpera adolescente. *Escola Anna Nery*, 21(4). doi: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-ean-2017-0088>
- Fernandes, L. D. M., Leme, V. B. R., Elias, L. C. D. S., & Soares, A. B. (2018). Preditores do desempenho escolar ao final do ensino fundamental: histórico de reprovação, habilidades sociais e apoio social. *Trends in Psychology*, 26(1), 215-228. doi: <http://dx.doi.org/10.9788/TP2018.1-09Pt>
- Fernandes, A. O., & Monteiro, N. R. D. O. (2017). Comportamentos pró-sociais de adolescentes em acolhimento institucional. *Psicologia: teoria e pesquisa*, 33. doi: <https://doi.org/10.1590/0102.3772e3331>
- Fernandes, G., Yunes, M. A. M., & Finkler, L. (2020). The social networks of adolescent victims of domestic violence and bullying. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 30, e3007. doi: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-4327e3007>
- Figueiró, M. E. S. D. S., & Campos, H. R. (2013). Abandono e acolhimento institucional: estudo de caso sobre maioridade e desinstitucionalização. *Psicologia argumento*, 31(72), 113-125. Retirado de: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/psicologiaargumento/article/view/20315>
- Patias, N. D., Silva, D. G. D., & Dell'Aglio, D. D. (2016). Exposição de adolescentes à violência em diferentes contextos: relações com a saúde mental. *Temas em Psicologia*, 24(1), 205-218. doi: [10.9788/TP2016.1-14](https://doi.org/10.9788/TP2016.1-14)
- Rossi, L. M., Marcolino, T. Q., Speranza, M., & Cid, M. F. B. (2019). Crise e saúde mental na adolescência: a história sob a ótica de quem vive. *Cadernos de Saúde Pública*, 35, e00125018. doi: <https://doi.org/10.1590/0102-311x00125018>
- Seibel, B. L., Falceto, O. G., Hollist, C. S., Springer, P. R., Fernandes, C. L. C., & Koller, S. H. (2017). Rede de apoio social e funcionamento familiar: estudo longitudinal sobre famílias em vulnerabilidade social. *Pensando famílias*, 21 (1), 120-136. Recuperado em de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2017000100010&lng=pt&tlng=pt

- Silva, D. G. D., Giordani, J. P., & Dell'Aglio, D. D. (2017). Relações entre satisfação com a vida, com a família e com as amigas e religiosidade na adolescência. *Estudos Interdisciplinares em Psicologia*, 8(1), 38-54. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-64072017000100004&lng=pt&tlng=pt
- Siqueira, A. C., & Dell'Aglio, D. D. (2010). Crianças e adolescentes institucionalizados: desempenho escolar, satisfação de vida e rede de apoio social. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 26(3), 407-415. doi: 10.1590/S0102-37722010000300003
- Siqueira, A. C., Tubino, C. D. L., Schwarz, C., & Dell'Aglio, D. D. (2009). Percepção das figuras parentais na rede de apoio de crianças e adolescentes institucionalizados. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, 61(1). Retirado de: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672009000100017&lng=pt&tlng=pt
- Siqueira, A. C., Betts, M. K., & Dell'Aglio, D. D. (2006). A Rede de apoio social e afetivo de adolescentes institucionalizados no Sul do Brasil. *Interamerican Journal Psychology*, 40, 149-158. Retirado de: https://www.researchgate.net/publication/28293617_A_rede_de_apoio_social_e_afetivo_de_adolescentes_institucionalizados_no_sul_do_Brasil
- Taylor, Z. E., Conger, R. D., Robins, R. W., & Widaman, K. F. (2015). Parenting practices and perceived social support: longitudinal relations with the social competence of Mexican-origin children. *Journal of Latin Psychology*, 3(4), 193-208. doi: 10.1037 / lat0000038